

MUDANÇA PSÍQUICA NA INFÂNCIA

* Mery Pomerancblum Wolff

Gostaria de agradecer à Comissão Organizadora desta Jornada, na pessoa da Lúcia, o convite para participar desta mesa. Ao recebê-lo fiquei muito contente de ter sido lembrada para essa tarefa instigante que é refletir sobre a Mudança Psíquica na Infância e, ao mesmo tempo preocupada, pois havia a possibilidade de coincidir com outro compromisso assumido. Resolvida essa questão me dei conta de que já estava pensando no tema, pois tinha o desejo de poder estar aqui participando desta mesa.

Percebi-me pensando no tema quando notei que uma música me vinha a cabeça insistentemente....

Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo
E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo
Corro o lápis em torno da mão e me dou uma luva
E se faço chover, com dois riscos tenho um guarda-chuva.

Apesar de não saber cantar, em minha cabeça cantarolava
Aquarela, musica de Vinícius e Toquinho que, a meu ver nos fala dessa

*Psicóloga, Psicanalista de adultos, adolescentes e crianças. Membro efetivo da SPPA. Assistente de Ensino da SPPA. Docente do ITIPOA.

possibilidade fantástica da infância que são as mudanças rápidas, o mundo de fantasias e fiquei pensando sobre a possível conexão entre a música e o tema desta mesa. Dei-me conta de que ela fala acerca das transformações que a fantasia das crianças permite. Essa possibilidade de ir se transformando a que essa musica refere pode ser entendida como uma das possíveis descrições do que vai acontecendo no mundo interno durante o desenvolvimento infantil. Entendo que essa maleabilidade é uma característica dessa fase da vida e que nos possibilita imaginar, ser de uma maneira ou de outra. Podemos ser a mamãe, o papai, o lobo, a chapeuzinho, um sol ou o que seja sempre em busca da noção de seu próprio ser - experimentos em busca do nosso eu.

Essa mobilidade de que a canção fala me parece uma metáfora apropriada para descrever o que entendo que vai ocorrendo na infância em condições favoráveis de desenvolvimento. A maleabilidade do psiquismo infantil possibilita que este vá se organizando num movimento harmônico e satisfatório. Muitas mudanças vão ocorrer ou seriam evoluções?

Se um pinguinho de tinta cai num pedaço azul do papel
Num instante imagino uma linda gaivota a voar no céu
.....

Pinto um barco a vela branco, navegando, é tanto céu e
Mar num beijo azul.

Os pingos/marcas vão organizando a subjetividade da criança o que, em condições favoráveis, considero como sendo a constituição de seu psiquismo que se inicia desde antes do nascimento e segue acontecendo durante sua infância.

Na infância temos um ser em processo de subjetivação. É nesse período que a mente se constitui e, portanto, onde acontece toda a evolução e/ou modificações psíquicas, o que é diferente do que entendo ser uma mudança psíquica.

Um menininho caminha e caminhando chega ao muro
E ali logo em frente, a esperar pela gente, o futuro está
E o futuro é uma astronave que tentamos pilotar,
Não tem tempo nem piedade, nem tem hora de chegar.

Sem pedir licença muda nossa vida, depois convida a

Rir ou chorar.

E o tempo, sem piedade, promove o desenvolvimento, e nele a criança vive diversas vicissitudes/muros com os quais vai tendo de lidar. Algumas vezes esse muro é o motor de desafio, noutras - quem sabe também por ele - a harmonia do desenvolvimento psíquico fica comprometida ocorrendo desajustes, conflitos, se fazendo necessária uma intervenção psicoterápica. Em um momento precoce do desenvolvimento esta se deve, em geral, a distúrbios significativos, seja nas primeiras relações objetais ou de desenvolvimento.

É importante considerar a necessidade da presença dos pais nessas intervenções precoces e mesmo nos tratamentos de crianças um pouco maiores, o que é um dos diferenciais importantes na psicoterapia infantil.

Em geral considero recomendável que crianças pequenas sejam atendidas em sua relação com a família: pai, mãe ou ambos, pois estando ainda em um momento inicial de seu desenvolvimento, sua subjetividade está muito envolvida com a subjetividade materna, paterna ou da dupla.

As mudanças que ocorrem a partir de uma intervenção precoce de orientação psicanalítica estão muito próximas das modificações características do desenvolvimento e me parece que, em alguns casos, seja difícil estabelecer claramente a distinção entre as duas. Apesar disso, elas se fazem necessárias para “liberar” o processo de desenvolvimento, como foi no caso de João:

Os pais de João, com 10 meses, vem a consulta porque desde o nascimento o bebê não aceita adormecer em sua própria cama. Chora muito nessas ocasiões e só adormece no colo dos pais ou na cama destes, sendo levado depois para seu berço. No início decidiram permitir essa situação, pensando que mais adiante aceitaria ir para sua cama mais facilmente, o que não ocorre. Ficam com pena dele, principalmente a mãe, e o bebê o percebe mostrando mais dificuldades em adormecer com esta.

João parece sofrer com a separação o que é compartilhado com as ansiedades da mãe, principalmente. O pai, em dúvidas, permite que o bebê adormeça na cama do casal com o desejo de protegê-lo de um presumido sofrimento que é a separação; no entanto eles reconhecem a necessidade de o bebê adormecer em sua cama. A experiência emocional de separação, pelas ansiedades que comportam, se tornou numa situação difícil de ser manejada por este bebê e seus pais. Nesse atendimento, que foi breve, foi possível reorganizar o sono do mesmo na medida em que seus objetos internos puderam exercer a continência necessária (Bion, 1962) para tolerar o afastamento e a diferenciação self-objeto, construída através da constituição da espacialidade e da temporalidade ajudando-os a atravessar esse “muro”. Winnicott (1987) considera que necessitamos apenas

“desatar os nós” do desenvolvimento. Nesse vértice entendo que foi isso que aconteceu nesse atendimento - uma mudança psíquica - porque mesmo sendo um bebê houve um resgate das funções adaptativas de seu ego em organização que é, como veremos mais adiante, um dos critérios para a avaliação da mudança psíquica.

Entre as nuvens vem surgindo um lindo avião rosa e grená.

Tudo em volta colorindo, com suas luzes a piscar.

Basta imaginar e ele está partindo, sereno, indo

E se a gente quiser ele vai pousar.

Assim, João pode decolar, indo, sereno em direção ao desenvolvimento.

Em crianças um pouco maiores, onde a organização psíquica está mais definida, e aparecem falhas significativas no desenvolvimento e/ou os conflitos se percebem claramente a demanda de tratamento psicoterápico. É no decorrer dessas intervenções terapêuticas que podemos observar mais claramente a existência de uma mudança psíquica. Essa questão me parece muito complexa e por isso minha ideia é podermos abrir espaços de reflexão porque não tenho a pretensão de trazer uma ideia fechada e definida sobre o tema. Prefiro abrir caminhos nessa estrada...

Cabanne (1993) considera que mudança psíquica refere-se a uma mudança essencial através de uma profunda alteração na qualidade dos objetos internos. O que é diferente de alterações ou modificações no psiquismo. Este autor descreve a mudança psíquica na análise de adultos. Será que o mesmo ocorre na infância? Ele considera que a profunda alteração

na qualidade dos objetos internos promove uma alteração na própria identidade. É importante refletir se na infância já temos uma identidade definida ou ela esta em processo de organização. E assim sendo surge a questão de podermos ou não falar nessa alteração. Entendo que tenha havido uma mudança psíquica quando existe um psiquismo em conflito e/ou onde existem falhas de desenvolvimento e ocorre uma modificação de funcionamento mental, seja em virtude de um tratamento psicoterápico ou psicanalítico ou mesmo de um movimento em seu mundo externo que promova essa modificação a nível intrapsíquico.

Elisabeth Barros (1992, pg 59), uma analista com muita experiência com crianças, considera que as mudanças psíquicas podem ocorrer no decorrer de uma análise infantil e a entende como um crescimento emocional diretamente associado com o grau de flexibilidade do sistema defensivo e sua capacidade para absorver e re-integrar partes perdidas do ego, e de estar aberto a experiências emocionais novas.

Pedro tem 5 anos e sua mãe, bem como a escola, se preocupam porque, dentre outras questões, ele prefere brinquedos e roupas de menina. Seus pais se separaram quando ele tinha 2 anos e desde então sua ligação com a mãe foi ficando mais próxima. Suas relações mais intensas eram com a mãe, a avó e a bisavó. Para adormecer usava uma camisola de seda da mãe. De outra forma ficava muito ansioso. O contato com o pai era frequente, mas esse era visto como uma figura mais agressiva e repressora da qual o menino tinha receio. Nessa descrição foco numa parte do tratamento onde pretendo descrever um movimento de mudança psíquica observável no processo psicanalítico. Na sessão escolhia preferentemente um jogo em que tinha de construir um caminho. No inicio costumava construí-lo de uma maneira em que ficava fechado e cheio de perigos. Entendíamos que assim era seu mundo interno:

fechado, assustador, persecutório e sem possibilidades. E com isso em mente íamos entendendo, brincando e interpretando essa percepção de seu mundo interno. Com a evolução de sua análise esse mesmo jogo foi sendo modificado por Pedro e, junto a outros indicadores, em sua alta esse jogo possuía um caminho cheio de dificuldades, mas aberto e cheio de possibilidades de saída, caracterizando um psiquismo mais flexível, menos defendido e com menor nível de ansiedades.

O exemplo acima reflete ao processo que me refiro quando descrevo uma mudança psíquica num tratamento psicanalítico e/ou psicoterápico em que as vivencias podem ser transformadas (Bion, 1965) durante o processo permitindo a elaboração dos conflitos, a diminuição das ansiedades e do uso sistemático e rígido de defesas, liberando a criança para seguir em seu desenvolvimento normal.

Esse trabalho pressupõe a compreensão da dinâmica intrapsíquica e o manejo das ansiedades e das defesas via transferência e, pelas características já citadas esse processo tem de ser acompanhado momento a momento.

Alguns critérios para considerar que a houve uma mudança psíquica poderiam ser:

- Objetos internos mais integrados e menos persecutórios.
- Menor nível de ansiedades.
- Um ego mais integrado.
- Maior capacidade criativa e de brincar.
- Um desenvolvimento mais harmônico.

- Um melhor desempenho escolar.
- Funções adaptativas do ego tais como alimentação, sono, controle esfinteriano, bem estabelecidas.

Esse processo que leva a uma mudança psíquica é fruto, a meu ver, da construção de um espaço no campo psicanalítico, através da relação transferência-contratransferência, onde podem ser encenadas as diferentes histórias/estórias vividas pelo paciente agora junto a outro objeto que possibilite que estas vivências possam encontrar outro destino, como aconteceu com os pacientes citados. É nesse espaço, com essa modalidade de trabalho que pode se produzir uma mudança psíquica.

O tema transferência na psicanálise da infância era muito questionado há alguns anos, e ainda o é por algumas escolas, pela presença dos objetos de transferência na realidade: são objetos de relações atuais vivas e reais. No entanto, em minha experiência, é muito viva e observável a transferência nos tratamentos de crianças, mesmo as bem pequenas. Hoje, entre nós, esse tema parece-me ser um consenso.

No calor do trabalho psicanalítico, observo que houve mudança psíquica quando percebo que existe um objeto interno mais estável, capaz de conter e transformar as ansiedades e sentimentos de desespero da criança em sentimentos mais toleráveis o que permite a oportunidade de experimentar experiências de boas relações. Isto não significa que a criança não se defrontará com outras experiências frustrantes ou difíceis, mas, nessas condições entendo que a bagagem do tratamento psicoterápico terá criado formações substitutivas dos objetos e experiências que estão causando essas

dificuldades e, em vez de recorrer às defesas usadas anteriormente como a negação, cisão e identificação projetiva ou até aos sintomas antes utilizados, poderá recorrer a formas mais adaptadas e sadias de relação.

Nessa estrada não nos cabe conhecer ou ver o que virá.
O fim dela ninguém sabe bem ao certo onde vai dar.
Vamos todos numa linda passarela
De uma aquarela que um dia, enfim, descolorirá.

A evolução da infância para a adolescência em si traz a perda do colorido e da magia que a realidade impõe, mas podemos transformar essa perda em conquistas importantes que o desenvolvimento propicia.

Meltzer (1975) afirma que o mais importante não é poder dizer e nem mostrar, mas sim o poder experimentar de forma compartilhada as experiências emocionais e essa é uma possibilidade que nosso método de trabalho oferece: poder transformar as diversas emoções em sonhos, pensamentos, enfim, em crescimento mental.

BIBLIOGRAFIA

Barros, E. (1992) – Cambio psiquico em El Análisis de niños. In: Libro Anual de Psicanalisis. 1992.

Bion, W (1962) – BION, W. (1962). *Aprendiendo de la experiencia*. Buenos Aires. Editorial Paidós, 1991.

Cabanne, J. A – Para uma definição de mudança psíquica. In: Revista de Psicanálise da SPPA. Vol. I- nº 1- Outubro de 1993.

Joseph, B. – Mudança psíquica: algumas perspectivas. In: Revista Brasileira de Psicanálise. Volume XXIV . nº 3.

Meltzer, D. (1975). *Exploración del autismo*. Buenos Aires. Editorial Paidós. Buenos Aires 1979.

Winnicott, D.W. (1987). Os bebês e suas mães. São Paulo. Martins Fontes, 2002.